

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANT'ANA DO LIVRAMENTO
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**O MERCADO VITIVINÍCOLA BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO COMÉRCIO EXTERIOR**

SAMANTHA PIRES DA SILVA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC II)

**Santana do Livramento
2016**

SAMANTHA PIRES DA SILVA

**O MERCADO VITIVINICOLA BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO COMÉRCIO EXTERIOR**

Trabalho apresentado como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Ciências
Econômicas pela Universidade Federal do
Pampa – UNIPAMPA.

Orientador: João Garibaldi Almeida Viana

**Santana do Livramento
2016**

SAMANTHA PIRES DA SILVA

**O MERCADO VITIVINICOLA BRASILEIRO: UMA ANÁLISE A
PARTIR DO COMÉRCIO EXTERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Econômicas pela Universidade Federal do
Pampa – UNIPAMPA.

Área de concentração: Economia Agrícola

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em dia: 07/12/2016

Banca Examinadora:

Prof. João Garibaldi Almeida Viana
Orientador
Curso de Ciências Econômicas - UNIPAMPA

Prof. Margarete Leniza Lopez Gonçalves
Curso de Ciências Econômicas - UNIPAMPA

Prof. Patricia Eveline dos Santos
Curso de Ciências Econômicas - UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que sempre me incentivaram e acreditaram em mim, mesmo nos momentos em que eu não acreditava e achava que estava tudo perdido.

A minha família “não tradicional” mãe Raquel Velozo, pela educação, amor, carinho e dedicação, mesmo nos piores momentos nunca deixou de me incentivar a seguir estudando.

Ao meu pai de coração Marcio Arnez por ir me buscar na faculdade independente do frio que tivesse, sem reclamar, pelo apoio que me deu e por todo o carinho e amor que tem por mim, isso foi fundamental na minha formação.

Ao meu irmão Kristopher por todas as vezes que parou para me escutar falar sobre Macro, Micro, FEB, Desenvolvimento Econômico, Econometria, mesmo entendendo muito pouco ou nada, estava sempre disposto a ouvir.

A minha avó materna Rosmarina (Marina), mesmo estudando muito pouco, sempre foi uma das maiores incentivadoras, e quando precisava mesmo eu não falando nada, sempre tinha uma palavra sábia para ajudar a seguir em frente.

A tia Clemi que mesmo brigando, sempre esteve ao meu lado quando precisei.

Ao meu namorado Fabiano, que nos momentos em que mais eu tive vontade de lagar tudo me incentivava, mesmo que fosse de maneira “rústica”, e entender os meus momentos de ausência.

As minhas amadas amigas que a Unipampa me presenteou, Josiane Pedroso e Mariana Espalter, minhas inspirações que mesmo distante sempre estiveram comigo, via mensagens, e-mails e ligações, a Maria Fabiana que por vezes me deu puxões de orelha, que me ajudou a ver as coisas da maneira correta.

Aos meus colegas formandos 2/2016, por dividirem comigo as angustias e preocupações, e incentivarem a seguir sempre em frente, vocês foram incríveis.

Aos meus queridos mestres da Unipampa que me ensinaram a amar esse curso, e ter certeza que era isso que eu queria para minha vida.

E por último e não menos importante ao meu orientador, meu mestre, João Garibaldi, que se não fosse por ele eu não tinha conseguido, muito vezes foi um paizão, e eu só tenho a agradecer por toda paciência e dedicação.

*“Querência amada, dos parreirais
Da uva vem o vinho, do povo vem o carinho
Bondade nunca é demais.”*

(Teixerinha)

RESUMO

A atividade agroindustrial brasileira é a uma das atividades econômicas do país de maior importância, e é um setor muito dinâmico. O mercado internacional é um dos responsáveis pela absorção da produção, pois é no comércio internacional que se tem ganhos maiores em alguns produtos, e pode gerar excedentes. O setor está presente em todos os estados brasileiros e em alguns municípios tem uma grande importância para a economia do mesmo, e um dos segmentos desse mercado é o setor vitivinícola que é responsável por desenvolver algumas regiões do país, com a produção de uvas e derivados, O objeto de estudo selecionado é o mercado vitivinícola brasileiro e o mercado internacional. Os principal objetivo foi analisar o comércio exterior de uvas e seus derivados no Brasil no período de 2006 a 2016, tendo como específicos o comportamento do mercado internacional. A metodologia utilizada foi a de método indutivo, tendo como ferramenta o método quantitativo de análise. O Brasil na última década se mostrou dependente do mercado externo para atender sua demanda no setor de uva e vinho e foi autossuficiente no setor de suco de uva. As exportações de uva apresentou uma queda de 6,24 % a.a. e um aumento de 4,32 % no valor agregado, o suco de uva teve queda de 9,48% e um aumento no valor agregado de 4,44%, e o vinho por sua vez também apresentou queda, que foi de 10,92%, e seu valor agregado teve um aumento relevante de 14,04% ao ano. As importações de uva apresentou um aumento de 6,12 % ao ano, o seu valor agregado teve um aumento de 5,04 %, o suco de uva teve uma diminuição de 18,28 % no peso, e no valor agregado aumentou 5,76%, e o vinho teve um aumento de 5,52% nas importações e seu valor agregado aumentou 2,88%.

Palavras chave: Mercado vitivinícola, comércio exterior, agronegócio.

ABSTRACT

The Brazilian agroindustrial activity is one of the economic activities of the country of major importance, and it is a very dynamic sector. The international market is one of the responsible for the absorption of production, since it is in international trade that one has greater gains in some products, and can generate surpluses. The sector is present in all Brazilian states and in some municipalities it has a great importance for the economy of the same, and one of the segments of this market is the wine sector that is responsible for developing some regions of the country, with the production of grapes and derivatives, The object of study selected is the Brazilian wine market and the international market. The main objective was to analyze the foreign trade of grapes and their derivatives in Brazil from 2006 to 2016, having as specific the behavior of the international market. The methodology used was that of inductive method, using as a tool the quantitative method of analysis. Brazil in the last decade has been dependent on the foreign market to meet its demand in the grape and wine sector and has been self-sufficient in the grape juice sector. Exports of grapes showed a decrease of 6.24% a.a. And an increase of 4.32% in the value added, grape juice had a fall of 9.48% and an increase in the value added of 4.44%, and the wine in turn also presented a fall, which was 10, 92%, and its aggregate value had a significant increase of 14.04% per year. Imports of grapes showed an increase of 6.12% per year, their value added had an increase of 5.04%, grape juice had a decrease of 18.28% in weight, and in value added increased by 5, 76%, and wine had an increase of 5.52% in imports and its value added increased by 2.88%.

Key words: wine Market, international economy, agribusiness

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Tendência, médias móveis (MM) e quantidade exportada de uva, suco de uva e vinho exportada no período de janeiro de 2006 a julho de 2016 no Brasil.	25
Figura 2 - Tendência, médias móveis (MM) e quantidade de uva, suco de uva e vinho importada no período de janeiro de 2006 a julho de 2016 no Brasil.	28
Figura 3- Índice de sazonalidade das exportações totais de uva, suco de uva e vinho, no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.	32
Figura 4 - Índice de sazonalidade da importações de uva, suco de uva e vinho no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.	34
Figura 5 - Ciclos de exportações totais de uva, suco de uva e vinho, no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.	36
Figura 6 - Ciclos de importações de uva, suco de uva, e vinho, no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.	38

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Coeficientes de regressão semilogarítmica de tendência para exportações e importações de uva, suco de uva(kg) e vinho (litros).....	30
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	15
3. REFERENCIAL TEÓRICO	18
3.1. Economia internacional: pressupostos básicos.....	18
3.2 Economia Agrícola e Mercado Internacional.....	21
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
5. CONCLUSÕES.....	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1. INTRODUÇÃO

As origens do cultivo da videira no Brasil remontam ao século XVI, porém a produção de uva e vinho ganhou um maior espaço na agricultura brasileira a partir do final do século XIX. Como atividade significativa do ponto de vista econômico, a vitivinicultura origina-se com a colonização italiana no Rio Grande do Sul, a partir de 1875 (BNDES, 2004).

A indústria vinícola brasileira estava formada, no início da década de 1970, por empresas – quase todas de pequeno porte – e por cooperativas de produtores rurais. A maior parte da produção compunha-se de vinhos tintos procedentes de uvas americanas e híbridas, comercializados em garrafas. O consumo nacional era baixo (menos de 2 l/ano por habitante) e não estava associado, de modo geral, a hábitos requintados, havendo pouco conhecimento sobre vinhos de qualidade – inclusive importados – por parte das camadas de maior poder aquisitivo. Havia, portanto, potencial de crescimento para o consumo de vinhos de vinífera.

A viticultura tropical brasileira foi efetivamente desenvolvida a partir da década de 1960, com o plantio de vinhedos comerciais de uva de mesa na região do Vale do Rio São Francisco, no nordeste semiárido brasileiro. Nos anos 1970 surgiu o polo vitivinícola do Norte do Estado do Paraná e na década de 1980 desenvolveram-se as regiões do Noroeste do Estado de São Paulo e de Pirapora no Norte de Minas Gerais, todas voltadas à produção de uvas finas para consumo in natura (PROTAS, CAMARGO e MELLO, 2002). No entanto, conforme a Academia do Vinho (2013), a maior parte está concentrada no Rio Grande do Sul, onde o mesmo é responsável por 90% da produção.

A viticultura no Brasil ocupa uma área de 78.767 ha (IBGE, 2014). Situa-se entre o paralelo 30°S, no Estado do Rio Grande do Sul, e o paralelo 9°S, na Região Nordeste do país. Em função da diversidade ambiental, existem polos com viticultura característica de regiões temperadas, com um período de repouso hibernar definido, polos em áreas subtropicais onde normalmente a videira é cultivada com dois ciclos anuais, definidos em função de um período de temperaturas mais baixas no qual há risco de geadas; e polos de viticultura tropical onde é possível a realização de podas sucessivas, com dois e meio a três ciclos vegetativos por ano (PROTAS, CAMARGO e MELO, 2002).

Ainda, observa-se o surgimento de novas áreas de plantio, indicando uma tendência de expansão da cultura no país (PROTAS et al., 2006). Esta evolução vem dando suporte ao

desenvolvimento e à adoção de novas tecnologias que contribuem para o estabelecimento da vitivinicultura como uma atividade economicamente rentável no país (EMBRAPA, 2010).

Dessa forma, o Setor Vitivinícola Brasileiro é caracterizado principalmente pela diversidade. É formado por várias cadeias produtivas: uvas finas, americanas e híbridas para mesa, uvas para elaboração de vinhos finos, e uvas americanas e híbridas para a elaboração de vinhos de mesa e sucos. Como consequência, o mercado consumidor é segmentado. A estes fatores, soma-se a variabilidade de clima, solos e estrutura fundiária das diferentes regiões de produção, tornando o Setor mais exigente em soluções diferenciadas (EMBRAPA, 2010).

Apesar de complexo, este panorama estabelece oportunidades para que o país se firme no mercado internacional, por meio da oferta de uvas de mesa durante todo o ano e da produção em escala de derivados em pequenas plantas industriais (PROTAS et al., 2009). Apesar da consolidação da produção de uva, vinho e sucos em várias partes do território brasileiro, ainda é um desafio uma maior inserção no mercado internacional e no próprio mercado nacional.

O mercado externo do setor é bastante dinâmico. Há um potencial de crescimento da produção e exportação de suco concentrado (BNDES, 2004). Em relação às exportações de vinhos finos, o Brasil vem ganhando espaço. Há um crescimento das vendas externas do produto nos últimos anos que, segundo o IBRAVIN (2016), ocorreu devido a ações de promoção no mercado externo, o aperfeiçoamento dos produtos e a maior exposição do Brasil no exterior.

No entanto, o país ainda é um importante importador mundial de vinho. As importações brasileiras de vinho cresceram de forma significativa na última década. Com efeito, enquanto a média histórica, até o início da década de 1990, era inferior a US\$ 20 milhões (correspondendo a menos de 10 milhões de litros), as importações atingiram, em 2000, quase US\$ 80 milhões (mais de 30 milhões de litros). Já no ano de 2015, o volume importado de vinho e espumantes alcançou mais de 80 milhões de litros. As origens das importações estão concentradas em apenas cinco países, Chile, França, Itália, Portugal e Argentina, que corresponderam a 90% do total (BNDES, 2004; IBRAVIN, 2016).

Neste sentido, a fim de compreender esse mercado, se estabeleceu a seguinte questão: Qual foi o comportamento das exportações e importações de uva e seus produtos derivados no Brasil nos anos de 2006 a 2016?

Neste contexto, o objetivo da monografia foi analisar o comércio exterior de uvas e seus derivados do Brasil dando especial atenção a evolução das importações e exportações dos produtos, no período de 2006 a 2016.

2. METODOLOGIA

A monografia seguiu como linha de análise o método indutivo, que segundo Munhoz (1989, p.23), “O método indutivo é aquele que, a partir da análise de fatos particulares, tende a gerar conclusões mais amplas, válidas em relação a um universo maior”, e teve como tipo de pesquisa, a pesquisa descritiva, onde procurou descrever o comércio internacional vitivinícola brasileiro tendo como ferramenta o método quantitativo de análise. Esse método foi empregado para o tratamento de dados estatísticos do setor.

Tripoldi (1981), citado por Dalfovo, Lana e Silveira (2008), enquadra estudos quantitativos-descritivos como uma categoria de pesquisa. Segundo o autor, esta categoria se fundamenta na “verificação de hipóteses e a descrição de relações quantitativas entre variáveis especificadas”.

A coleta de informações para o estudo se deu por meio de dados secundários, visto que os mesmos já foram coletados e servirão para analisar o comportamento do mercado vitivinícola brasileiro no panorama internacional. Os dados secundários foram coletados a partir da fonte Agrostat (Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro), disponibilizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Para atingir os objetivos propostos, foram coletados dados das seguintes variáveis do setor vitivinícola no Brasil no período de 2006 a 2016:

- a) Volume de Importações de uva, suco de uva e vinho (em toneladas e litros);
- b) Valor das Importações de uva, suco de uva e vinho (em dólares);
- c) Volume de Exportações de uva, suco de uva e vinho (em toneladas e litros);
- d) Valor das Exportações de uva, suco de uva e vinho (em dólares);

A análise estatística dos dados baseou-se no método clássico multiplicativo de séries temporais para análise das exportações (PINDYCK; RUBINFELD, 2005).

$$Y_i = T_i \times S_i \times C_i \times I_i \quad (1)$$

Onde: T_i = tendência de longo prazo na série; S_i = componente sazonal/estacional; C_i = componente cíclica de longo prazo; I_i = componente irregular ou residual.

Inicialmente, os dados foram submetidos à análise de sazonalidade, por meio do método de ajuste sazonal (PINDYCK; RUBINFELD, 2005) na obtenção de índices estacionais correspondentes a cada mês do ano. Os índices sazonais refletem as flutuações periódicas relativamente regulares que ocorrem dentro de cada período de 12 meses, ano após ano (LEVINE et al., 2008). Com o cálculo dos índices buscou-se analisar as oscilações de curto prazo do volume das exportações e importações no período.

Após, os dados temporais de volume das exportações e importações foram organizados para a análise da componente de tendência, a partir da suavização por meio do cálculo de médias móveis centradas de 12 períodos, a fim de extrair a componente sazonal e irregular da série. Para a análise de tendência de longo prazo utilizou-se do método de extrapolação simples que se baseia no desenvolvimento de um modelo de regressão de séries temporais de uma única equação, denominado de tendência-linear.

A tendência do volume das exportações e importações foi estimada por meio de um modelo de regressão linear (equação 2) e regressão semilogarítmica (equação 3) para análise da taxa de variação mensal.

$$Y_t = \alpha + \beta t + \varepsilon \quad (2)$$

$$\ln Y_t = \alpha + \beta t + \varepsilon \quad (3)$$

Onde: Y_t = volume de uva, suco de uva e vinho exportado e importado; $\ln Y_i$ = logaritmo natural dos volumes exportados e importados; α = intercepto; β = coeficiente angular; t = tempo da série histórica representado pelo número de meses; ε_i = resíduo.

A análise de tendência buscou verificar um padrão geral ou persistente de longo prazo, ascendente ou descendente (LEVINE, et al., 2008). Os modelos de tendência foram estimados para as variáveis de volume de uva, suco de uva e vinho exportado e importado de 2006 a 2016. A existência ou não de tendência declinante ou ascendente foi verificada através do teste de hipótese t-student, a um nível máximo de 5% de significância.

Na regressão semilog, a interpretação dos coeficientes foi na forma de taxa de variação mensal, conforme a equação 4, baseada na denotação de Wooldridge (2011), o que possibilitou a comparação do comportamento do volume das exportações e importações por produto.

$$\% \Delta Y_t \approx (100 \cdot \beta) \Delta t \quad (4)$$

Portanto, o método clássico de séries temporais permitiu a análise do comportamento do mercado externo vitivinícola brasileiro, observando a trajetória do setor nos últimos dez anos.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Economia internacional: pressupostos básicos

A economia internacional é provavelmente o campo da teoria econômica mais diretamente associado à noção de limites geográficos (BAUMANN, CANUTO e GONÇALVES, 2004). Esses estudos começaram a partir da análise dos mercados mercantilistas e entre os primeiros está David Hume, que atacou a lógica mercantilista, que tinha como princípio a acumulação de ouro. Adam Smith não concordava com a visão da sua época com o mercado internacional, pois para ele “[...] a riqueza não consiste em dinheiro ou ouro e prata, mas naquilo que o dinheiro pode comprar” [...] e uma economia seria eficiente se se especializasse em algum bem. Já para Ricardo as economias mais eficientes são aquelas que produzem melhor todos os bens [...] (BAUMANN, CANUTO e GONÇALVES, 2004).

A teoria abordada por Smith é a de vantagens absolutas, onde ele aborda a especialização da produção.

“[...] a certeza de poder permutar toda a parte excedente da produção de seu próprio trabalho que ultrapasse seu consumo pessoal estimula cada pessoa a dedicar-se a uma ocupação específica, e a cultivar e aperfeiçoar todo e qualquer talento ou inclinação que possa ter por aquele tipo de ocupação ou negócio[...].” (SMITH, p. 75, 1996)

Uma economia só manterá transações espontâneas com outra se perceber claros ganhos derivados desse intercâmbio. Como a noção de ganho está associada ao potencial de determinados itens via comércio, a explicação está necessariamente relacionada às características do processo produtivo de cada economia, ou seja, se há benefício para ambos os países, pode-se inferir que o comércio traz benefícios para o conjunto de economias, aumentando o bem estar mundial (BAUMANN, CANUTO e GONÇALVES 2004).

De acordo com esta teoria, cada país especializa-se na produção de bens e serviços que possui menor custo de produção e, em consequência disso, gera um excedente de produção que é imediatamente destinado à exportação. Assim como, os bens e serviços cujo país não possui vantagem absoluta são importados de outros países que por sua vez, possuem vantagens absolutas em tais produções (SMITH, 1996).

Segundo Carvalho, e Silva (2007, p.8)

“A grande crítica de Adam Smith contra os mercantilistas baseou-se portanto, no fato de que a riqueza de uma nação é mais adequadamente medida em termos de produção e consumo de sua população e não na quantidade de metais preciosos em seu poder. O livre comércio é um poderoso mecanismo capaz de promover o aumento da produção por meio da especialização e, conseqüentemente, o bem-estar das populações dos países que participam do comércio internacional”.

Smith também argumentou a favor de um comércio livre, mas para isso o país deveria ter alguma vantagem absoluta, ou seja, conseguisse produzir alguma mercadoria de custo mais baixo que outros países e obter proveito das especializações das trocas (CARVALHO e SILVA, 2007).

Por sua vez, Ricardo não concordava com Smith, pois para ele as economias mais eficientes eram aquelas que tinham eficiência na produção de todos os bens. Para Ricardo as vantagens absolutas determinam o padrão de trocas internas de um país com perfeita mobilidade de fatores de produção, levando no limite à uniformização do preço dos fatores. Para ele, a lógica é distinta, ou inexistente mobilidade dos fatores de produção, pois tem-se que considerar a produtividade de cada economia (CARVALHO e SILVA, 2007).

A teoria de David Ricardo (1996) ficou conhecida como Vantagem Comparativa, destacando que países que vivem em livre concorrência, em uma economia de mercado aberta, possuem a vantagem de fazer um intercâmbio de mercadorias. Tal intercâmbio se dá de acordo com a produtividade que cada país possui na produção de determinado bem. Países que conseguem produzir determinado bem a um custo menor e com maior eficiência, comparado a outro país, possui vantagem comparativa na produção deste bem, ou seja, os países irão se especializar na produção de um bem que possua menor custo de oportunidade em relação à produção de outro bem. Segundo Krugman e Obstfeld (2010, p.22).

“O comércio internacional produz esse aumento da produção porque permite que cada país se especialize em produzir o bem no qual possui uma vantagem comparativa. Um país possui vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de produção desse bem em relação aos demais é mais baixo nesse país do que em outro.”

Sendo assim, o modelo Ricardiano permite que os países com menos eficiência na produção geral de bens entre no comércio internacional, produzindo aquele bem no qual possuem maior eficiência e trazendo um bem estar maior para a sociedade.

Países intensivos em terra e mão-de-obra possuem vantagem comparativa no setor agrícola, já países intensivos em capital e tecnologia, possuem vantagem comparativa no setor industrial e irão ofertar bens e serviços mais sofisticados; neste exemplo podem-se considerar países subdesenvolvidos e desenvolvidos, respectivamente. De acordo com Krugman e Obstfeld, 2010: “o comércio entre dois países pode beneficiar a ambos, se cada qual exportar os bens em que possui vantagem comparativa” (KRUGMAN e OBSTFELD, p. 22, 2010).

Porém, do ponto de vista Ricardiano, no comércio internacional tende a não existir barreiras comerciais, ou custos de transportes (BAUMANN, CANUTO e GONÇALVES, 2004). Mas a realidade é distinta, pois países impõem barreiras comerciais para evitar a entrada de produtos oriundos de outras nações.

As tarifas e os subsídios são algumas das barreiras impostas, sendo que esses criam diferenças entre os preços pelos quais os bens são comercializados no mercado mundial e dentro do país. O efeito direto das tarifas é tornar os bens importados mais caros dentro do que fora do país. Já os subsídios às exportações dão aos produtores um incentivo para exportar, o qual faz com que seja mais lucrativo exportar os produtos do que comercializar no mercado interno. [...] As mudanças de preços geradas por tarifas e subsídios alteram tanto a oferta relativa como a demanda relativa [...] (KRUGMAN e OBSTEFELD, 2010).

Existem alguns instrumentos para o comércio internacional, um deles é a taxa de câmbio, que tem um papel fundamental no comércio internacional, onde permite comparar os preços de bens e serviços produzidos em diversos países, A taxa de câmbio é responsável por traduzir os preços estrangeiros em termos de moeda doméstica, desde que os preços monetários dos bens domésticos tenham sido expressos na mesma moeda (KRUGMAN e OBSTFELD, 2010).

Outro instrumento é a taxa de juros que é a remuneração do capital financeiro, pois ela interfere no fluxo de capital, e tem uma relação direta com o investimento, pois quando a taxa de juros de um país está alta, aumenta os investimentos no mesmo. Os investidores formulam previsões para os valores das taxas de juros e de câmbio futuros, com base nos quais decidem

que aplicações farão. A taxa de retorno esperado é calculado a partir de uma expectativa de uma variação cambial (CARVALHO e SILVA, 2007).

Sendo assim para haver maior competição no mercado internacional os país terão que aprimorar técnicas, e estar preparado para tentar ultrapassar as barreira impostas, os país em desenvolvimento que possuem vantagens na produção de bens primários deverão aprimorar a produção com novas técnicas e investimentos no setor.

3. 2 Economia Agrícola e Mercado Internacional

Quando falamos em agricultura o pensamento está estritamente ligado ao campo. Porém, essa perspectiva real foi predominante até a década de 1960. Após esse período, iniciou-se uma grande transformação, onde a agropecuária passou a ter uma grande dependência do setor industrial, esse processo foi chamado de industrialização agrícola e levou uma mudança radical na concepção sobre a agricultura. Nas últimas décadas, essa dinâmica vem sendo denominada de agronegócio (MENDES e JUNIOR, 2007).

Segundo Mendes e Junior (2007, p.47),

“Desde a década de 1960, nos Estados Unidos, principalmente, e a partir da década de 1970, no Brasil, esse sistema tem experimentado uma rápida transformação, devida tanto ao surgimento de novas indústrias ligadas à agropecuária quanto ao fato de as atividades agrícolas virem se tornando cada vez maiores e mais especializadas”.

No ano de 1957, dois professores de Havard, nos Estados Unidos lançaram um novo conceito para entender melhor esse novo processo de especialização, que foi chamado de agribusiness, o qual tem como definição todas as operações e transações envolvidas desde a fabricação, até o processamento e distribuição e consumo dos produtos agropecuários in natura ou industrializados. Além do conceito de agribusiness foi também introduzido o conceito de Commodity System Approach (CSA), (ARAUJO, 2009).

Segundo Araújo, (2009, p. 20), o CSA tem como definição:

“Todos os participantes envolvidos na produção, processamento e marketing de um produto específico. Inclui o suprimento das fazendas, as fazendas, operações de estocagens, processamento, atacado e varejo envolvidos em um fluxo desde a

produção de insumos até o consumido final. Inclui as instituições que afetam e coordenam os estágios sucessivos do fluxo do produto, tais como governo, associação e mercados futuros.”

Na década de 1960, outro conceito foi instituído, pela Escola de Economia Francesa, no qual perceberam a necessidade de estudar mais detidamente o processo de agroindustrialização pelo qual estavam passando os produtos de origem agropecuária. Entretanto, a perspectiva desta escola tinha em sua matriz alicerçada nos princípios da Economia Industrial, o que se refletiu em uma metodologia que privilegia o estudo das chamadas cadeias agroindustriais ou enfoque da análise de *Filière* (ARBAGE, 2012).

Sendo assim dá para dizer que o CSA realiza um corte vertical no âmbito do agronegócio, tendo como foco principal a matéria-prima de origem agropecuária, já abordagem de *Filière* realiza um espécie de corte horizontal no âmbito do agronegócio a partir de um produto final perfeitamente identificado pelo consumidor (ARBAGE, 2012).

Para definir melhor o *Agribusiness*, surgiu o conceito de sistema agroindustrial (SAI). O SAI é formado pelo conjunto de atividades e agentes que concorrem para a produção de produtos com origem no setor primário e se estende desde a produção de insumos para as fazendas até a chegada do produto ao consumidor final. Outro conceito utilizado é o de Complexo Agroindustrial (CAI), que está vinculado direta ou indiretamente a uma determinada matéria-prima agrícola (ARBAGE, 2012).

Os produtos agroindustriais diferem-se uns dos outros, sendo que alguns podem ser estocados por anos e outros, precisam de alguns cuidados e mesmo assim não se pode estocar por muito tempo. Esses produtos são de primeira necessidade e de baixo valor unitário, e também não são muito sensíveis às variações de preços. Já o consumidor não leva em consideração somente a quantidade, mas também a qualidade do produto (BATALHA, 2008). A comercialização de produtos agrícolas também tem algumas limitações, um deles é a sazonalidade da produção

Para Batalha (2008, p 68)

“Conciliar uma demanda relativamente estável com uma oferta agrícola que flutua sazonal e aleatoriamente é o principal desafio da comercialização de produtos

agroindustriais. [...] Essa situação de incerteza seria prejudicial a toda cadeia produtiva, de empresários a trabalhadores e consumidores [...]”.

Outros problemas enfrentado por países agroexportadores são as cotas e tarifas, que tem por objetivo diminuir o volume de produtos vindo de outros países.

Segundo Feijó (2007),

“As tarifas e cotas de importação constituem a base de uma política comercial protecionista. Trata-se de mecanismos tradicionais mediante os quais os governos dos países importadores têm procurado intervir nos mercados com o propósito de proteger os produtores domésticos da concorrência externa. [...] Tarifas e cotas protegem os produtores domésticos da concorrência estrangeira elevando o preço interno das commodities ao restringirem a oferta proveniente das importações[.]”

Para tentar diminuir as barreiras protecionistas foram criados alguns acordos e um dos principais foi o GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio). O GATT foi criado após a Segunda Guerra Mundial, tendo o setor de commodities como seu principal foco de discussão, devido ao interesse dos países desenvolvidos e o direcionamento de suas políticas interna para a produção de alimentos (ARBAGE, 2012).

Os Estados Unidos e os países Europeus preocupavam-se em criar condições internas para obter autossuficiência alimentar, e instituíram políticas agrícolas que permitiram alcançar este objetivo em um rápido período de tempo. Por outro lado, os países em desenvolvimento tinham posição contrária ao protecionismo europeu e americano, em virtude das vantagens comparativas que a agricultura destes tinha diante dos seus principais concorrente e mercados consumidores (ARBAGE, 2012, p.266-267).

Outro mecanismo criado foi a OMC (Organização Mundial do Comércio), que tinha como objetivo elevar o padrão de vida nos países-membros por via da expansão do comércio e da produção, bem como pela proteção ao meio ambiente e integração do comércio mundial dos países em desenvolvimento (FEIJÓ, 2007, p. 184).

O setor agrícola, para a OMC, é o setor mais controverso, pois alguns países instauram barreiras protecionistas para limitar a entrada de produtos agrícolas em seus países. Para os

países em desenvolvimento essas barreiras são prejudiciais, pois na maior parte a população mais pobre vive em áreas rurais, e o setor agrícola é responsável por aproximadamente a metade dos empregos (BAUMANN, CANUTO e GONÇALVES, 2004).

Sendo assim, por muitas vezes, os países que dependem da economia agrícola tem que se adaptar as regras de países importadores para poder driblar as barreiras. Como são países em desenvolvimento, a tecnologia não é muito avançada, dificultando mais ainda a inserção nesses mercados mais exigentes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vitivinicultura no Brasil ocupa uma área de 78.767 hectares (IBGE, 2014). Na pauta das exportações brasileiras, a uva de mesa é o principal produto tanto para o setor vitivinícola como para o de frutas (EMBRAPA, 2006). O Brasil possui lugares propício para o cultivo de uvas e conseqüentemente seus derivados, porém sua concentração está localizada na região da Serra Gaúcha e na região nordeste do país (PROTAS, CAMARGA e MELLO, 2002). A Figura 1 representa a evolução das exportações de uva, suco de uva e vinho do Brasil no período de Janeiro de 2006 a Julho de 2016, representada pelo seu volume total.

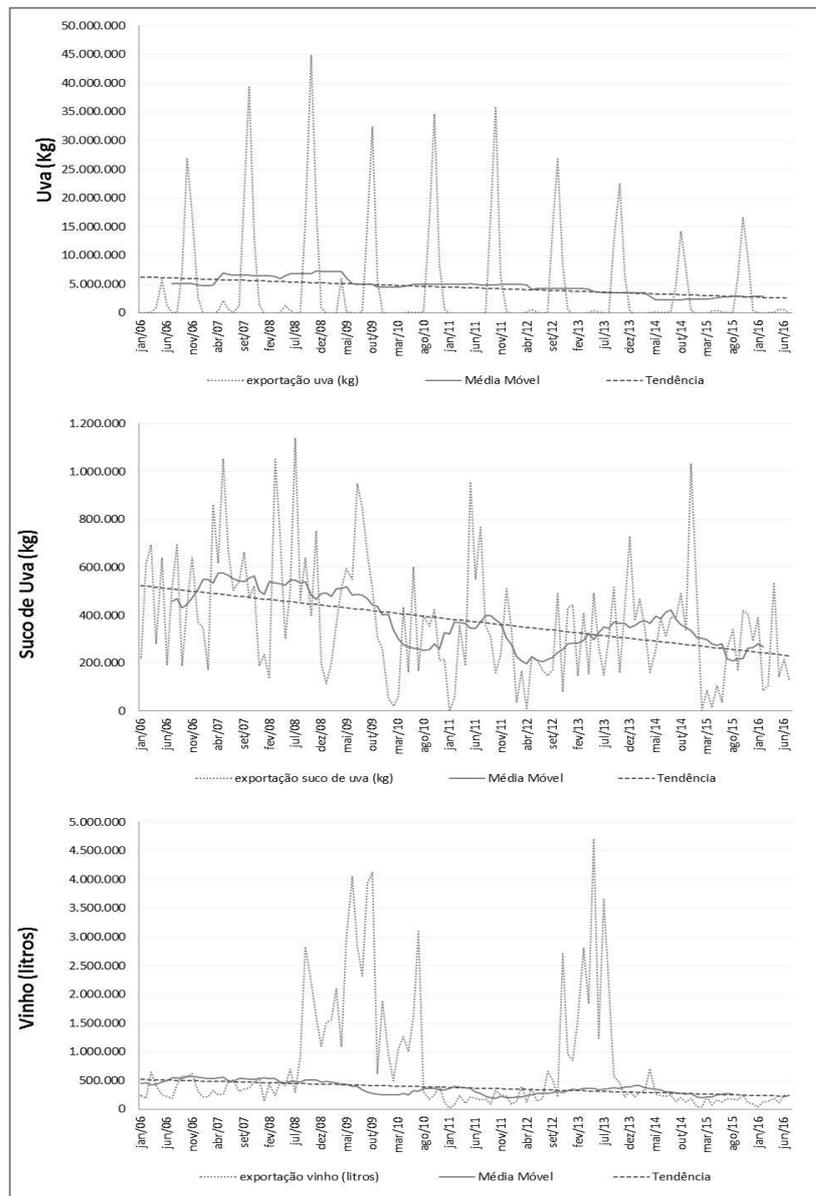


Figura 1 - Tendência, médias móveis (MM) e quantidade exportada de uva, suco de uva e vinho exportada no período de janeiro de 2006 a julho de 2016 no Brasil.

Pelo comportamento das exportações de uva, observam-se vários picos de produção, tendo como ponto máximo outubro de 2008. No entanto, nota-se que mesmo obtendo períodos de bons resultados, não foi suficiente para o país se manter como exportador desse produto e, assim, apresentou tendência a queda nas exportações de uva.

Ao analisar o gráfico percebe-se que as exportações de uva apresentam um forte comportamento sazonal e que o aumento no volume de exportações perdurou até meados de 2008. Segundo a Embrapa (2009) esse aumento se deu devido a uma crescente nas exportações de uva de mesa, que é a principal fruta na pauta. Após esse período houve uma queda que se manteve até 2012. No final de 2008, as exportações foram reduzidas em decorrência da crise mundial, situação que provocou desestímulo e abandono de alguns parreirais do Nordeste brasileiro. Somam-se a este fato as perdas provocadas pelas chuvas ocorridas no Vale do São Francisco, devido a rachaduras de bagas tornando parte da produção inapta para exportação (EMBRAPA, 2010).

A partir de 2012 visualiza-se um comportamento de pequena queda nas exportações de uva, que se intensificou em 2014. O fraco desempenho das exportações foi resultado da redução nas exportações de uvas frescas, sendo que em 2014 a quantidade exportada decresceu 34,35%. Dois fatos corroboram com essa queda nas exportações: o ingresso de novos países no mercado com preços mais competitivos e os preços mais atrativos do mercado interno (EMBRAPA, 2015).

As exportações de suco de uva apresentam um forte comportamento irregular, porém com uma tendência de queda no longo prazo. Ao observar o gráfico nota-se uma variação persistente nas exportações de suco de uva. Segundo a Embrapa (2007), o Brasil em 2006 era o 10º país exportador de suco de uva, em 2007 o Brasil teve um aumento no volume das exportações que se manteve até meados de 2009, onde houve uma queda que pode ser explicada pelo aumento do comércio local, onde seria mais atrativo e manteve-se até 2010 (EMBRAPA, 2011). Em 2012 o suco de uva se torna menos competitivo no mercado internacional, o que levou a queda nas exportações do produto.

Por sua vez, as exportações de vinho apresentam dois períodos de elevação, caracterizando uma série com comportamento atípico. Os períodos de maior volume de exportação encontram-se entre os anos de 2008 a 2010 e 2012 a 2013.

No ano de 2007 o Brasil ocupou a 15ª posição na produção de vinho. Segundo Meirelles, Rebelato e Rodrigues (2009, p.17), “tal desempenho excepcional deve-se tanto ao reconhecimento qualidade do vinho, visto as premiações obtidas em concursos internacionais, como ao esforço conjunto de empresários brasileiros através de estratégias de internacionalização, sendo o projeto exportação *Wines from Brazil* o principal passo até o momento neste sentido.”

Em 2009, o país teve um bom aumento no volume de exportações devido as exportações do vinho de mesa e vinhos finos de baixo valor agregado, contemplados pelo Prêmio de Escoamento da Produção do Governo Federal - PEP. Conforme a EMBRAPA (2014), o aumento das exportações de vinhos deveu-se as políticas do governo federal por meio do Programa de Escoamento da Produção (PEP), especialmente quando exportados para a Rússia e ao programa de exportação “*Wines from Brazil*.” Após, as exportações de vinho voltaram a cair, conforme Embrapa (2015), o setor se beneficiou do Programa de Escoamento da Produção (PEP) nos anos anteriores, pois havia vantagem competitiva no mercado internacional para adotá-lo, o que não ocorreu em 2014.

A Figura 2 representa a evolução das importações de uva, suco de uva e vinho no Brasil no período de Janeiro de 2006 a Julho de 2016, representada pela quantidade total importada por quilograma.

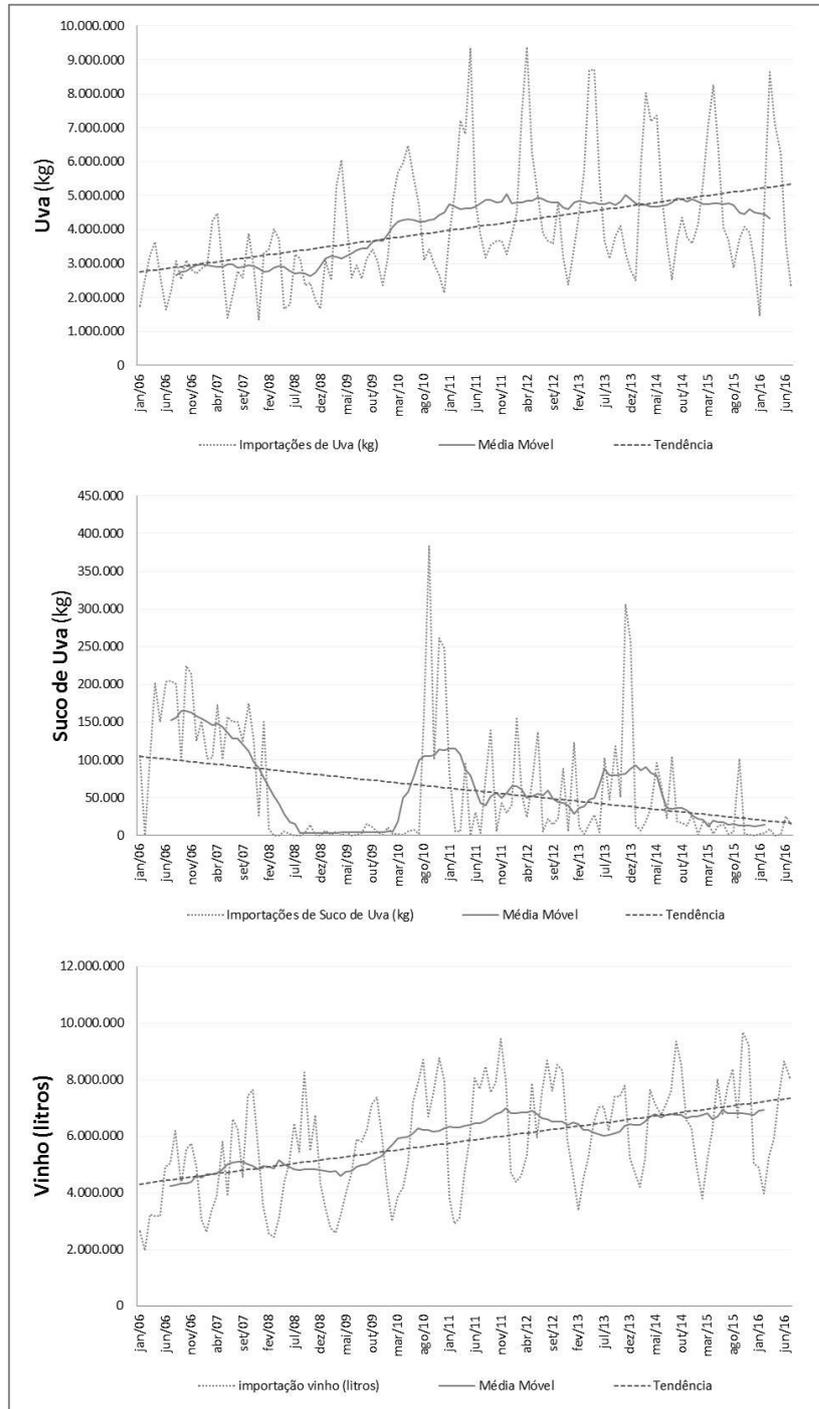


Figura 2 - Tendência, médias móveis (MM) e quantidade de uva, suco de uva e vinho importada no período de janeiro de 2006 a julho de 2016 no Brasil.

Ao observar os gráficos de importação nota-se um movimento contrário das séries em comparação ao comportamento das exportações. Ou seja, verifica-se uma tendência de aumento das importações brasileiras, especialmente de uva e vinhos.

As importações de uva vem crescendo na última década. Apesar de o Brasil apresentar condições climáticas favoráveis para produção de uvas o ano todo, uma parcela de uva de mesa consumida no país é importada. Cabe salientar também que o aumento das importações de uva se deve a demanda de uva passa, na qual o Brasil é dependente do mercado externo (EMBRAPA, 2008; 2015). Ainda, as importações apresenta variações de curto prazo bem definidas, indicando um importante comportamento sazonal.

A série de importações de suco de uva é extremamente irregular, passando por períodos praticamente sem importações (2008 – 2009) até forte crescimento de volume de suco importado (2010 e 2013). Em alguns anos o país foi autossuficiente na produção de suco de uva e não apresentou comportamento de importação. Segundo a Embrapa (2009), as importações de suco de uva são eventuais e em 2008 apresentaram redução de mais de 80%, em relação ao ano anterior, tanto em quantidade como em valor. Entende-se que nesse produto o país é um típico exportador.

A série de importações de vinho apresenta uma tendência de crescimento, com persistente elevação no período. Também apresenta oscilações regulares de curto e longo prazo. Ao avaliar o gráfico nota-se que o mercado brasileiro de vinhos depende muito do setor externo. No segmento de vinhos o país se caracteriza por ser um deficitário na balança comercial. Em que pese o esforço do estado do Rio Grande do Sul, com a criação do Consórcio de Exportação (Wines from Brazil), o desempenho das exportações em 2007 situou-se abaixo do esperado (EMBRAPA, 2008).

Ainda cabe ressaltar nesse período que, segundo a Embrapa (2008, p 2), “o aumento na circulação de mercadorias no cenário internacional em decorrência da globalização da economia aliado aos excedentes crescentes de vinhos e a taxa de câmbio, que favorece as importações, têm colocado o setor de vinhos finos brasileiros em condições desfavoráveis”.

Nos anos de 2006 a 2012 houve uma elevação das importações de vinho, e ao longo dos primeiros meses de 2006 o aumento é dado pela apreciação do Real frente ao Dólar norte-americano. Tais variações refletem-se diretamente no preço final da mercadoria sob exame, estimulando o seu consumo, em face da elasticidade-preço da demanda, que os vinhos

apresentam (PSCI, 2006). Outros fatores como o aumento do consumo de vinhos finos auxiliam na elevação das importações. Isso deveu-se ao aquecimento da economia brasileira e a taxas de desempregos baixas nos últimos anos. E finalmente é possível que o brasileiro tenha migrado para os vinhos finos, por mudança de gosto de paladar possibilitadas pela experiência de uma variedade maior de vinhos (Instituto de Economia Agrícola, 2012). Porém, no ano de 2013 as importações obtiveram uma queda. Segundo a Embrapa (2014) essa queda é causada pela desvalorização do Real o que torna o produto importado menos competitivo, e no ano 2014 a importação de vinho voltou a crescer e se manteve até o final do período analisado. Com a desvalorização da moeda nacional em 2014 era esperado uma maior competitividade dos vinhos nacionais, tanto no mercado interno (redução das importações), como no mercado externo (exportações), porém isto não ocorreu (EMBRAPA, 2015).

A Tabela 1 apresenta os coeficientes da estimação dos modelos de tendência linear e semilogarítmica para as exportações e importações mensais de uva, suco de uva e vinho. A partir da análise de regressão pode-se quantificar o comportamento de tendência da exportação e importações de uva, suco de uva e vinho do Brasil.

Tabela 1 - Coeficientes de regressão semilogarítmica de tendência para exportações e importações de uva, suco de uva(kg) e vinho (litros).

Modelos	Intercepto	Coeficiente Angular	t calculado	Valor <i>p-fisher</i>
Exportações				
Uva				
$\ln Y_{\text{Peso } (t)}$	12,57	-0,0052	-0,67	0,503
$\ln Y_{\text{Valor/kg } (t)}$	0,63	0,0036	4,55	0,000
Suco de Uva				
$\ln Y_{\text{Peso } (t)}$	12,99	-0,0079	-2,89	0,004
$\ln Y_{\text{Valor/kg } (t)}$	0,63	0,0037	7,06	0,000
Vinho				
$\ln Y_{\text{Peso } (t)}$	13,48	-0,0091	-3,60	0,000
$\ln Y_{\text{Valor/kg } (t)}$	-0,47	0,0117	8,01	0,000
Importações				
Uva				
$\ln Y_{\text{Peso } (t)}$	14,79	0,0051	5,55	0,000
$\ln Y_{\text{Valor/kg } (t)}$	0,20	0,0042	9,41	0,000
Suco de Uva				
$\ln Y_{\text{Peso } (t)}$	10,96	-0,0154	-3,32	0,001
$\ln Y_{\text{Valor/kg } (t)}$	-0,09	0,0048	3,71	0,000
Vinho				
$\ln Y_{\text{Peso } (t)}$	15,22	0,0046	6,07	0,000
$\ln Y_{\text{Valor/kg } (t)}$	1,074	0,0024	10,45	0,000

Fonte: Elaboração Própria

Nota-se que o volume das exportações de uva, a partir dos dados de regressão linear, obtiveram um decréscimo de 0,52% a cada variação de um mês. Com base no modelo semilogaritmico isso significa uma redução de 6,24% ao ano. Porém no valor por quilo a um aumento de 0,36% a cada variação de um mês, o que totaliza 4,32% ao ano. Isso significa que apesar do Brasil estar exportando menos, o produto exportado obteve valorização, aumentando o valor agregado no produto in natura. As exportações de suco de uva obtiveram um decréscimo de 0,79% ao mês, totalizando uma queda de 9,48% ao ano, porém como ocorreu nas exportações de uva, o valor agregado aumentou em 0,37% ao mês, o que totaliza 4,44% ao ano.

O vinho também apresentou uma queda no volume de exportações de 0,91% ao mês, que em termos percentuais representa 10,92% ao ano. O valor agregado teve um expressivo aumento de 14,04% ao ano. O aumento elevado do valor agregado nas exportações de vinho deve-se ao fato de o mercado estar mais exigente e buscando maior qualidade no produto. “O crescimento significativo do comércio internacional de vinho e sua transformação em produto global devem-se ao surgimento de uma demanda mundial ávida por produtos de alta qualidade, com alto valor agregado e com características bem específicas, interessada em ofertas e produtos diferenciados” (MEIRELLES, ROBELATO e RODRIGUES, 2011 p. 12). No ano de 2011 o Brasil foi considerado uma das melhores regiões de produção de uva destinada a produção de vinho. O mundo inteiro está descobrindo o vinho brasileiro. O Brasil tem desenvolvido uma capacidade excepcional para a produção de vinhos de qualidade. Atualmente o país é considerado uma das melhores regiões no mundo para o cultivo de uvas destinadas a produção de vinhos espumantes (MELLO, 2011). A apreciação do produto no mercado internacional no ano de 2008 também ajudou a aumentar consideravelmente o valor agregado, pois no ano de 2006 o valor foi pouco menos de um dólar e em janeiro de 2016 o valor passou a ser mais de três dólares por litro de vinho exportado.

No que diz respeito as importações de uva o coeficiente angular apresentou um aumento no volume das importações de 0,51% ao mês o que representa um aumento de 6,12% ao ano e o valor agregado também teve um aumento de 0,42% ou seja aumentou 5,04% ao ano. O suco de uva teve uma diminuição no volume das importações de 1,54%, ou seja diminui 18,48% ao ano, porém o valor agregado apresentou um aumento de 5,76% ao ano. As importações de vinho aumentaram 0,46% ao mês ou 5,52% ao ano e o seu valor agregado também aumentou 0,24%, que significa um aumento de 2,88% ao ano.

Salienta-se que o valor agregado do vinho exportado aumentou a uma taxa superior que o valor agregado do vinho importado. Ou seja, o produto brasileiro ganhou mais valor internacional em comparação ao produto tradicionalmente importado.

A Figura 3 apresenta o índice de sazonalidade das exportações totais de uva, suco de uva e vinho no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

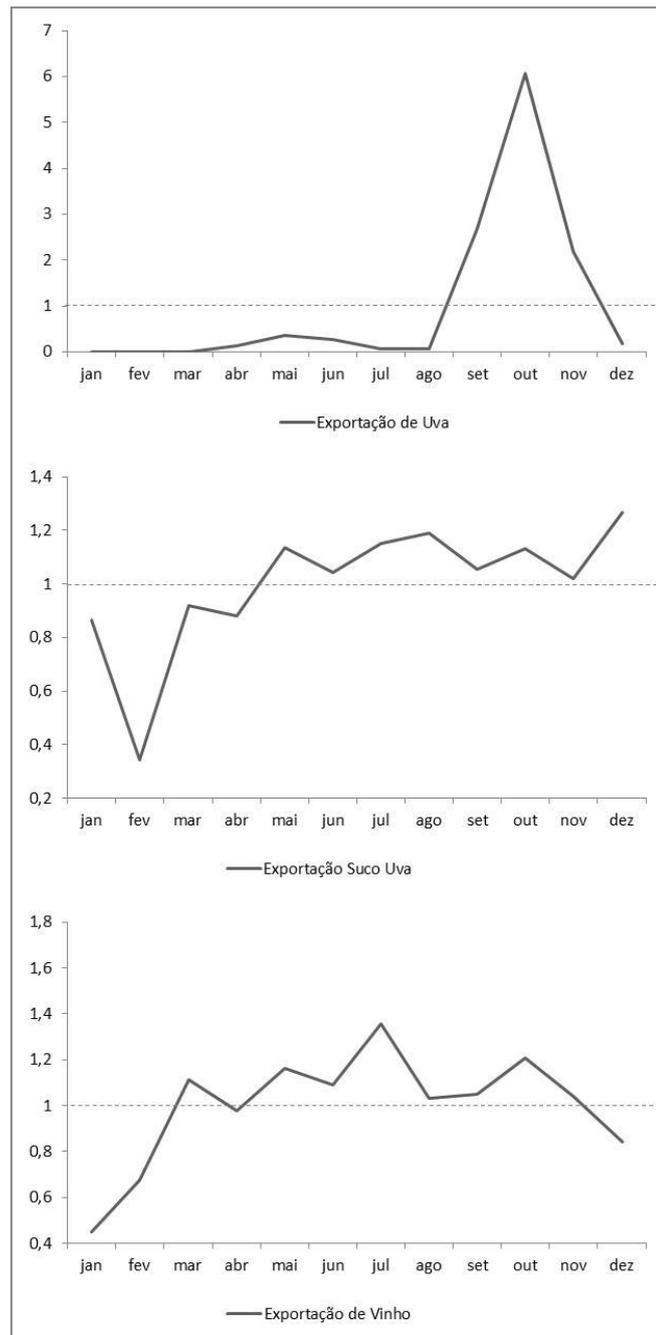


Figura 3- Índice de sazonalidade das exportações totais de uva, suco de uva e vinho, no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

O índice sazonal mede a sazonalidade do período analisado, onde igual um (1) refere-se a média de importação mensal no período, e indicam as oscilações e o comportamento de expansão ou retração de curto prazo.

O índice sazonal de exportação de uva apresenta uma retração que indica 41% abaixo da média nos meses de janeiro e fevereiro. A partir de setembro, as exportações começam a expandir e chegam a 606 % acima da média no mês de outubro. Nota-se que as exportações de uvas possuem características sazonais, que podem ser explicadas pela produção na região do São Francisco que possuem dois períodos de poda. Segundo Camargo (2004) apud Farias (2011), na vitivinicultura tropical são feitos dois ciclos vegetativos por ano (duas podas), deixando o produtor com estas principais opções de manejo do vinhedo. Nas regiões tropicais do Brasil há a possibilidade de obtenção de duas ou mais safras de uvas por ano, enquanto que nas regiões de clima temperado somente é possível uma colheita ao ano, em razão da ocorrência mais prolongada de baixas temperaturas durante o período outono-inverno (RICE, CAMORI e ROBERTO, 2013). Outro fator que explica a expansão de exportações no mês de outubro é que o país possui dois períodos para exportação de uva brasileira, onde a primeira é de abril a junho e a segunda, onde o país exporta mais, de outubro a dezembro, nesse período a concorrência no mercado internacional diminui e a oferta de países concorrentes é bem menor (SEBRAE, 2016).

As exportações do suco de uva apresentam uma retração de janeiro a meados de maio, tendo como o período de menor exportação fevereiro, com baixa de 65,5% em, relação à média do período. A partir de junho observa-se uma expansão, isso se deve a primeira safra de uva que é realizada de janeiro a meados de março (PROTAS, CAMARGO e MELLO, 2002), e assim nos meses subsequentes é produzido e exportado o suco da uva que atinge seu pico de exportação em dezembro com volume 126 % acima da média.

O vinho por sua vez apresenta quase as mesmas características de sazonalidade do suco de uva. Seu período de retração de exportação está nos meses de janeiro e fevereiro onde obteve volume 55 % abaixo da média devido a safra nesse período. Após temos o processamento do produto que ajuda na expansão das exportações, com seu pico no mês de julho onde apresenta um aumento das exportações 135% acima da média.

A Figura 4 apresenta o índice de sazonalidade das importações totais de uva, suco de uva e vinho no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

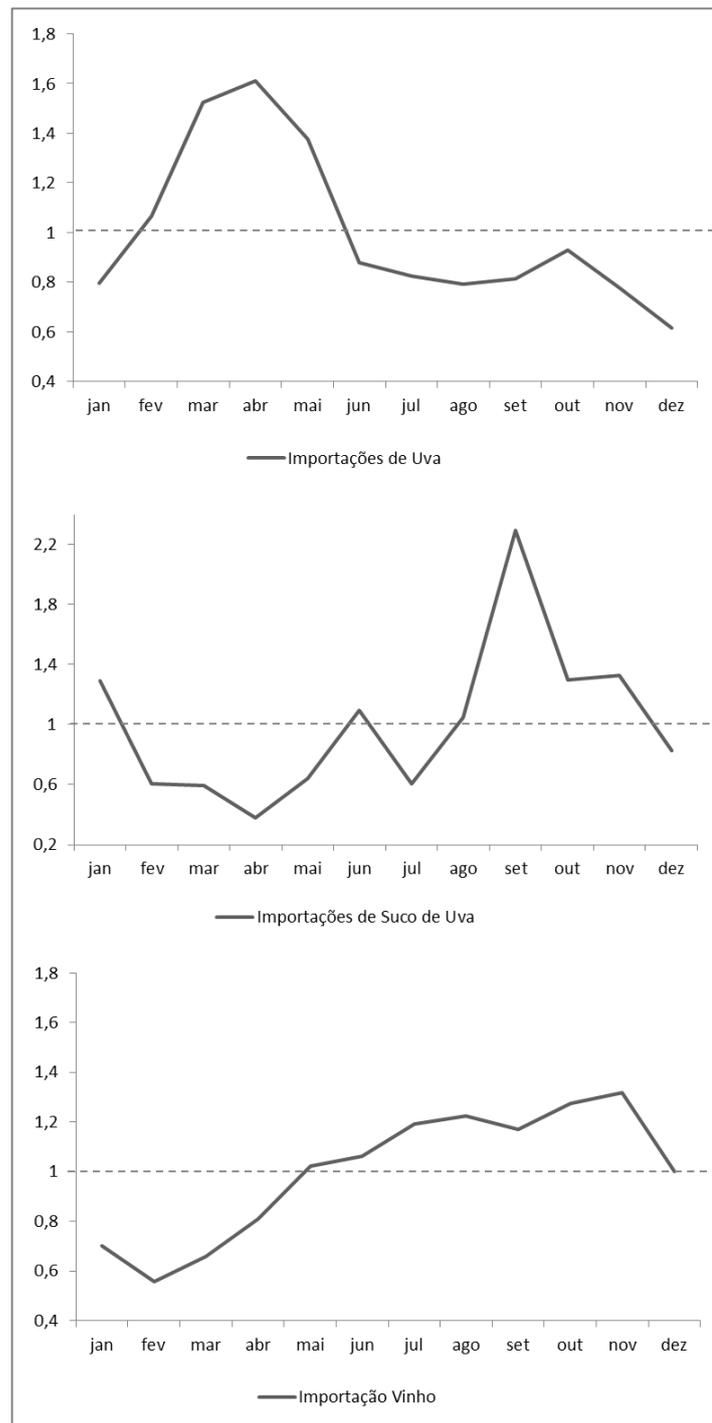


Figura 4 - Índice de sazonalidade das importações de uva, suco de uva e vinho no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

A sazonalidade das importações de uva apresenta um comportamento contrário em relação a sazonalidade das exportações, ou seja, no período em que as exportações apresentam

retração, as importações têm uma expansão. Esse efeito tem a ver com a segunda safra anual, que no período de expansão das exportações é maior. “Na Região Sul, colhe-se uma safra por ano, como na clássica viticultura mundial. Já no Nordeste, as colheitas se sucedem ao longo do ano” (HOECKEL, FREITAS e OLIVEIRA, 2014). O maior período de importações é em abril (entressafra nacional) onde chegam a atingir 161% a mais que a média do período. A retração ocorre no mês de agosto quando chega a diminuir 21% da média.

Já nas importações de suco de uva observa-se que não tem relação com a exportações. Ao contrário do que acontece com a uva, o período de retração que vão dos meses de janeiro até meados de julho, devido ao primeiro ciclo da safra que é feita no verão, nesse período as importações chegam a cair 66% da média e no período de expansão que começa em meados de julho, pois nessa fase o suco já foi processado e está pronto para abastecer o mercado, e atinge seu pico em setembro, quando seu volume exportado aumenta 229% em relação à média. No gráfico de importação de vinho nota-se que o período de retração está situado de janeiro a meados de maio, tendo como ponto menor o mês de fevereiro, pois o vinho assim como o suco tem influência negativa no período da primeira safra chegando a ter uma queda de 44% em torno da média, e no período de expansão chega a aumentar 130% acima da média.

A Figura 5 representa os ciclos de exportações totais de uva, suco de uva e vinho no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

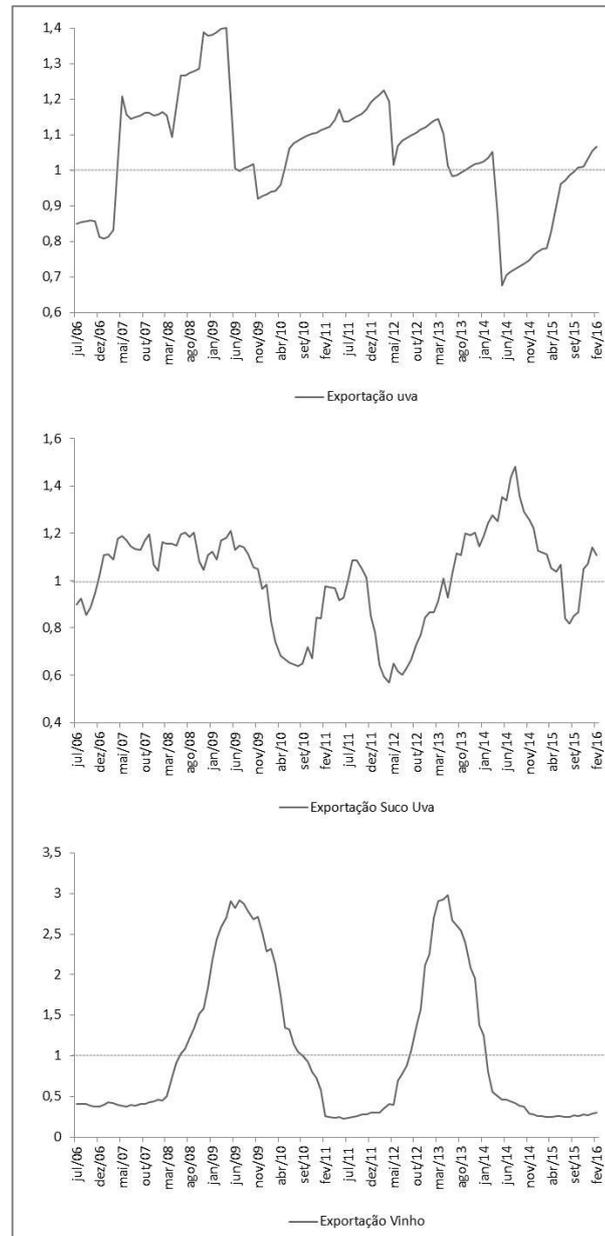


Figura 5 - Ciclos de exportações totais de uva, suco de uva e vinho, no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

O índice cíclico (ciclos) referem-se as oscilações de longo prazo onde o valor um (1) refere-se a média das exportações no período de 2006 a 2016.

Tanto as exportações de uva como as exportações de suco apresentam ciclos irregulares no período analisado. Em abril de 2009 as exportações de uva apresentaram seu maior pico,

onde alcançaram volumes 140% superiores à média da década, e o período de menor exportação foi em maio de 2014, que apresentou uma queda de 32,49% em torno da média. Com já foi citado essa queda se deve a entrada de novos países no mercado, e preços mais competitivos internamente.

O suco de uva também apresentam ciclos irregulares, com várias oscilações de curto prazo. Nas oscilações de longo prazo cabe destacar o maior fundo em abril de 2012, pois como foi citado, nesse período o setor se tornou menos competitivo no mercado internacional, e o pico ficou registrado em agosto de 2014, nesse mês as exportações apresentou uma variação de 148% acima da média.

Observa-se nas exportações de vinho um índice cíclico clássico, regular e bem determinado. De julho de 2006 à fevereiro de 2008 apresenta o fundo, a partir de março de 2008, período em que as exportações chegam a 55% menor que a média, observa-se um período de início de ascensão, atingindo seu pico em julho de 2009 que em termos percentuais chega a 291% acima da média da década isso se deve a uma crescente nas exportações de vinho, devido ao prêmio de escoamento da produção que aumento o nível de exportações do vinho de mesa e vinhos finos com baixo valor agregado

Em agosto de 2009 entra em um novo período de depressão atingindo seu fundo em março de 2011, haja visto que o Brasil não consegue manter o bom desempenho de 2009, e atinge 78% abaixo da média. Em maio de 2012 volta a obter um período de ascensão que atinge chega em seu pico em maio de 2013 onde chegou a 297% maior que a média do período, a partir do final de 2013 inicia-se um novo ciclo. Apesar da desvalorização cambial que favorece as exportações, o setor nos anos anteriores se beneficiou de programas de escoamento de produção do governo federal, o que não aconteceu nesse novo período.

A Figura 6 representa os ciclos de importações totais de uva, suco de uva e vinho no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

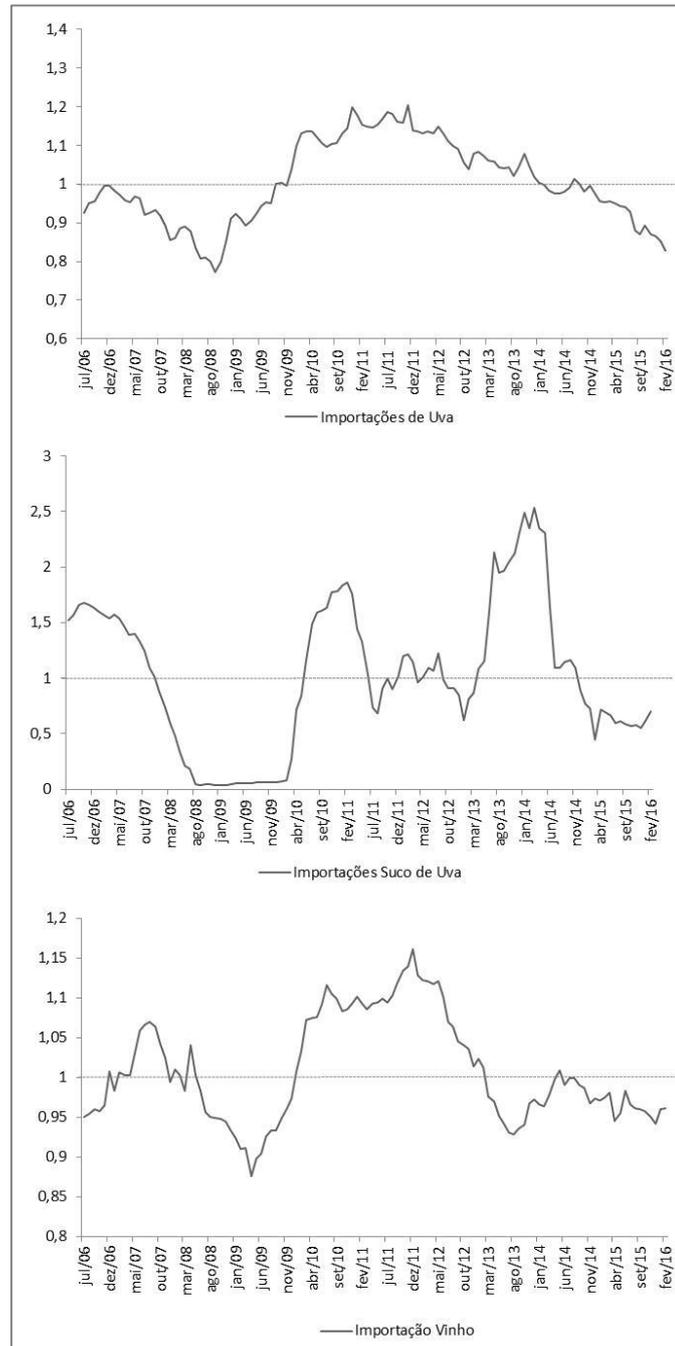


Figura 6 - Ciclos de importações de uva, suco de uva, e vinho, no período de janeiro de 2006 a julho de 2016.

Nas importações de uva e suco não se observa a presença de um ciclo regular, não podendo caracterizar ciclos de longo prazo. De julho de 2006 a novembro de 2009, os ciclos de importações de uva foram menores que a média do período, o seu fundo chegou a ser 23%

abaixo da média da década. Em setembro de 2008, o Brasil importava apenas uma pequena parcela da uva consumida, haja visto que a grande parte da uva consumida era produzida internamente (EMBRAPA, 2009). Após, houve uma elevação das importações que se iniciou em novembro 2009, chegando em 2011 com volume 120% maior que a média, voltando a depressão a partir de dezembro de 2011.

Ao observa o gráfico de índices cíclicos da importação de vinho nota-se a presença de ciclos irregulares como já foi citado, tendo no primeiro ciclo o período de ascensão a partir de janeiro de 2006, atingindo seu pico em agosto de 2007, que chegou a 106,3% acima da média do período, entrando em depressão em setembro de 2007, e assim se manteve, nesse período observamos ainda pequenos picos, acompanhado de depressão, atingindo seu fundo maior em abril de 2009 que chegou a 12,5 menor que a média, em maio de 2009, nota-se uma expansão que perdurou até dezembro de 2011, porém no intervalo desse período houve oscilações menores, e só atingiu seu pico em dezembro de 2011, onde chegou a ser 161% maior que a média do período, uma das explicações dada é o aumento da renda dos brasileiros e a preferência pelos vinhos finos (Instituto de Economia Agrícola, 2012), após esse período as importações brasileiras de vinho voltaram a entrar em depressão e atingiu um novo fundo em agosto de 2013, o qual foi menor que o de 2009, voltando a ascensão em setembro de 2013.

O mercado de vinhos brasileiros apresentam uma dependência do setor externo, pois ao analisar os resultados da pesquisa nota-se que as importações são maiores que as exportações. Por sua vez, o Brasil possui maior inserção no mercado externo com o suco de uva, e não é dependente das importações, tornando-se mais competitivo nesse setor. Os períodos de bons resultados nas exportações deve-se a políticas de escoamento de produção, importantes instrumentos de apoio ao mercado nacional.

5. CONCLUSÕES

A análise das séries temporais do volume total de exportações e importações do setor vitivinícola demonstra que o país é dependente do mercado internacional em uva e vinho. No suco de uva o país possui uma produção suficiente para suprir a demanda interna, porém a tendência dos dados na última década não consolida o país como exportador do produto.

As exportações de vinho brasileiro obtiveram momentos de expansão devido a programas do governo, mas não foi suficiente para posicionar-se no mercado internacional. Com esses incentivos, o país atingiu o pico das exportações em 2009, exportando um volume considerável de 291% acima da média do período. Nas importações de uva o Brasil foi extremamente dependente do mercado internacional, devido a importações de uva passa.

As exportações brasileiras do mercado vitivinícola apresentaram uma tendência a queda, porém os valores agregados obtiveram aumento, onde a maior elevação se deu nos vinhos, que obteve um aumento expressivo de 14,04% ao ano, esse aumento é resultado de maior exigência no mercado internacional por vinhos finos, que conseqüentemente é de melhor qualidade e de maior valor e faz com que sofra apreciação no mercado internacional.

Na última década o nordeste brasileiro ganhou destaque nesse seguimento, sendo que nessa região é possível obter mais de uma safra de uva. Assim é possível ter produtos o ano inteiro, diferente do Rio Grande do Sul, onde o setor é representativo, mas possui somente uma safra anual. Sendo assim, a sazonalidade de exportações de uva é dada pela produção nordestina que aproveita os meses de queda da produção dos outros países para entrar no mercado internacional com maior oferta, atendendo boa parte do mercado que está com restrição de produção. Já nas importações de uva a sazonalidade é explicada pela safra do Rio Grande do Sul, que é realizada nos meses de janeiro até meados de março, e o maior período de importação é nos meses de abril, para atender a demanda interna tanto para consumo como para a produção de seus derivados.

Apesar de o Brasil possuir regiões com clima propenso a produção de uvas e seus derivados, o país ainda não conseguiu se manter no mercado internacional. Esses resultados podem ser por falta de políticas para exportações, falta de maiores investimentos no setor e até mesmo falta de especialização de mão de obra. Porém, nos últimos anos os estudos desse mercado não tem sido suficiente para explicar o porquê de não conseguir estar entre os grandes

competidores internacionais, sendo assim, há uma carência de novos estudos que demonstrem as falhas de mercado e ajudem na produção e comercialização internacional do setor vitivinícola brasileiro.

O setor se torna importante para o crescimento e desenvolvimento de algumas regiões, se houver uma maior modernização e estudos nessa área o país poderá atingir uma maior fatia do mercado, se tornando mais competitivo e estando entre os maiores produtores mundiais.

No entanto, este tema carece de aprofundamento teórico e empírico o que pode ser feito em pesquisas futuras, para tentar entender por que esse setor ainda não conseguiu seu espaço no comércio internacional.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGROSTAT. **Estatísticas de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro**, Disponível em <<http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>> Acessado em Setembro de 2016.

ARAÚJO, M, J. **Fundamentos de Agronegócio**. 2.ed São Paulo: Atlas 2009.

ARBAGE, A, **Fundamentos de Economia Rural**. Chapeco: Argos, 2012.

BATALHA, M, O. **Gestão Agroindustrial**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

BAUMANN, R; CANUTO, O; GONÇALVES, R. **Economia Internacional: Teoria e Experiência Brasileira**, 6.ed, Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BNDES. **Desafios da vitivinicultura brasileira**. Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social, Brasil. 2004. BNDES Setorial, Rio de Janeiro, n. 19, p. 67-90, mar. 2004 Disponível em <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set1904.pdf> Acessado em: 10 de Abril de 2016.

CARVALHO, M. A; SILVA, C.R.L. **Economia Internacional**. 4.ed São Paulo: Saraiva, 2007.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, 2008.

EMBRAPA. **A vitivinicultura brasileira: realidade e perspectiva**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/vitivinicultura/>> Acessado em: 10 de abril de 2016.

EMBRAPA. **Novas cultivares de uvas**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/livro/novas_cultivares_brasileiras_uva.pdf> Acessado em: 12 de Abril de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial – Panorama 2006**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2007 Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/vitivinicola_2006.pdf> Acessado em: 10 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial – Panorama 2007**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2008. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/panorama2007_vitivinicola_mundial.pdf> Acessado em: 10 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial – Panorama 2008**. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2009 Disponível em:

<<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/atuabras2008.pdf>> Acessado em 10 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial** – Panorama 2009. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2010 Disponível em <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/mercextvi2009vf.pdf>> Acessado em 10 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial** – panorama 2010. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS 2011 Disponível em <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/artigos/mercextvit2010.pdf>> acessado em 10 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial** – Panorama 2011. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS 2012 Disponível em <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/comunicado/cot116.pdf>> Acessado em 11 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial:** Panorama 2012. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2013 Disponível em <<http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/comunicado/cot138.pdf>> Acessado em 11 de Outubro de 2016.

EMBRAPA. **Atuação do Brasil no Mercado Vitivinícola Mundial:** Panorama 2013. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2014 Disponível em <<https://www.embrapa.br/web/mobile/publicacoes/-/publicacao/992336/atuacao-do-brasil-no-mercado-vitivinicola-mundial-panorama-2013>> Acessado em 11 de outubro de 2016.

EMBRAPA. **O Brasil no Contexto do Mercado Vitivinícola Mundial:** Panorama 2014. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Bento Gonçalves, RS, 2015 Disponível em <<https://www.embrapa.br/uva-e-vinho/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1025942/o-brasil-no-contexto-do-mercado-vitivinicola-mundial-panorama-2014>> Acessado em 11 de Outubro de 2016.

FARIAS, T, F. **Viticultura e enologia no Semiárido Brasileiro**, (Submédio Do Vale Do São Francisco), Florianópolis, Sc 2011. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/25491/ragr258.pdf;jsessionid=086D49F6A6249DD92421FC50A5312086?sequence=1>> Acessado em: 12 de Outubro de 2016.

FEIJÓ, R, L, C. **Economia Agrícola e Desenvolvimento Rural**. 1.ed Rio de Janeiro: LTX, 2011.

HOECKEL, P, H, O; FREITAS, C, A; OLIVEIRA, G, N. **A Concentração De Mercado No Setor Vinícola Do Rio Grande Do Sul (2004-2012)**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2014/05/201405267eeg-mesa20-concentracoesistemaagroindustrialvitivinicolars.pdf>> Acessado em: 15 de abril de 2016.

IBRAVIN. **Estudo do mercado brasileiro de vinhos tranquilos e vinhos espumantes: Quantitativo e Demanda**. Instituto Brasileiro do Vinho, 2016. Disponível em: <<http://www.ibravin.org.br/downloads/1402931122.pdf>> Acessado em: 10 de abril de 2016.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (IEA), **Panorama da Vitivinicultura Brasileira**. São Paulo, SP, 2007. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=8929>> Acessado em 28 de outubro de 2016.

INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA (IEA), **Importação de Vinhos no Brasil 2011**. São Paulo, 2012. Disponível em <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=12311>> Acessado em 20 de Outubro de 2016.

KRUGMAN, P. J.; OBSTFIELD, A.B. **Economia Internacional: teoria e política** 8.ed, São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

LEVINE, D. M. et al. **Estatística: teoria e aplicações**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MEIRELLES, E. R.; REBELATO, M, G; RODRIGUES, A. M. **Competitividade e estratégias internacionais: do setor vinícola brasileiro**. Disponível em <<http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/137>> Acessado em 7 de abril de 2016.

MELLO, L, V. **Wines from Brazil**. Disponível em <http://cladea.org/proceedings_2013/wp-content/uploads/2014/02/2013-XC-0268_d8d773c2206ac7b7a86afceeeafb0d6d.pdf> Acessado em: 31 de Outubro de 2016.

MENDES, J, T, G; JUNIOR, J, B, P. **Agronegócio: uma abordagem econômica**. 1.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MUNHOZ, D, G. **Economia Aplicada: Técnicas de Pesquisa e Análise Econômica**. Brasília: Universidade de Brasília, 1989.

PINDYCK, D. L.; RUBINFELD, R. S. **Econometria: modelos e previsões**. Rio de Janeiro: Campus, 2005

PSCI. Programa de Substituição Competitiva de Importações. **O mercado brasileiro para vinhos chilenos, 2006**. Brasília, DF, 2006 Disponível em <www.investexportbrasil.gov.br/sites/default/files/publicacoes/PSCI/PSCICHileVinho.pdf> Acessado em: 01 de Novembro de 2016.

RICARDO, David. **Princípios de Economia Política e Tributação**. Tradução por: Paulo Henrique Ribeiro Sandroni. São Paulo, Nova Cultural, 1996 [1817].

RICCE W, S; CARAMORI, P, H; ROBERTO, S, R. Potencial climático para a produção de uvas em sistema de dupla poda anual no Estado do Paraná. Londrina PR, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/brag/v72n4/aop_bragaag2141.pdf> Acessado em: 12 de Outubro de 2016.

SEBRAE, : Serviço brasileiro de apoio à micro e pequenas empresas, **O cultivo e o mercado da uva** 2016. Disponível em <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/o-cultivo-e-o-mercado-da-uva,ae8da5d3902e2410VgnVCM100000b272010aRCRD>> Acessado em 02 de novembro de 2016.

SIDRA/IBGE. **Temas:** Agricultura. Sistema IBGE de Recuperação Automática- Disponível em:<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/agric/default.asp?t=4&z=t&o=11&u1=1&u2=1&u3=1&u4=1&u5=1&u6=1>> Acessado em: 9 de abril de 2016.

SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações:** Investigação sobre sua natureza e suas causas. Trad. Luiz Joao Barauna. Sao Paulo, Nova Cultural, 1996 [1776].